

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
INSTITUTO DE ESTUDOS HISTÓRICOS DR. ANTÓNIO DE VASCONCELOS

Revista Portuguesa de História

TOMO II



COIMBRA / 1943

mostra, pelo contrário, que, na maior parte dos casos, as igrejas rurais eram então no nosso país igrejas próprias (24). Por isso, só consideramos verdadeiro o juízo do Autor — que, como vimos, considera a freguesia, «como unidade social», mais complexa do que a paróquia—na medida em que a assimila à *collatio* da reconquista.

Com estas desataviadas considerações não quisemos ter a imperfinência, que seria estulta, de dar uma lição ao Sr. Padre Miguel de Oliveira, mas apenas mostrar o real interesse que o seu curioso estudo nos despertou.

TORQUATO DE SOUSA SOARES.

PAULO MERÊA: *O Liberalismo de Herculano. Separata da «Biblos», vol. xvii, t. ii. 18 págs. Coimbra, 1941. (4)*

Num breve estudo, vem o Sr. Doutor Paulo Merêa depor na debatida questão das ideias políticas de Herculano. Que o Historiador era liberal — todos o reconhecem : ı mas que liberalismo era o seu ? Que foi sofrendo desilusão crescente — é bem sabido : l mas de que se desiludiu ?

Com a sua autoridade de verdadeiro historiador, o A. analisa objectivamente e conclui com serenidade. Num País e numa época de historiografia política, o Sr. Doutor Paulo Merêa é, também neste aspecto, mestre de historiadores.

Talvez se possa resumir assim a doutrina dêste opúsculo: Há, em Alexandre Herculano, um liberalismo que é uma *constante*

(24) Isto explica-se pelo contraste existente entre a situação a que nos referimos na nota anterior e a que predominava no norte do nosso país, especialmente entre o Douro e o Minho, cujas condições naturais favorecem, em regra, a dispersão populacional de que havia de resultar um regime de propriedade acentuadamente individualista (Vide as nossas *Notas para o estudo das inst. munie, da Reconquista*, in *Rev. Port. de Hist.*, 1, pág. 81-82, nota 35 e ii, pág. 268, nota 8).

(!) Comunicação apresentada ao *Congresso da História da Actividade Científica Portuguesa* e também publicada no vol. xm, págs. 507-521 das *Publicações do Congresso do Mundo Português*.

do seu pensamento. Sobre esse fundo inalterável, porém, foi-se desenrolando um processo em que novas formas da ideia liberal substituíam formas caducas.

A crença na liberdade humana, e no valor dessa liberdade nascida do Cristianismo e da natureza racional do homem; a natural condenação de todo o sistema político que a ferisse — eis o liberalismo que Herculano guardou através de tudo e foi o inspirador das suas atitudes.

As modificações acidentais que o seu liberalismo foi sofrendo são o resultado do esforço de fazer corresponder as realidades políticas ao seu alto pensamento interior. A linha principal dessa evolução é a que conduz de um liberalismo político abstracto, quasi satisfeito com o reconhecimento legal das liberdades individuais, a um liberalismo concreto, radicado na organização da sociedade medieval, considerado a natural seqüência de um processo interrompido pelo absolutismo e que havia de ser reatado pelo movimento liberal de que o próprio Herculano fora entusiástico agente. Garantir a liberdade através das instituições próprias de Portugal; associar «com particular insistência a nota democrática à nota tradicionalista» — é o sentido do pensamento político de Herculano, confirmado à medida que o seu conhecimento da História se aprofundava e o seu conhecimento da vida ia crescendo.

Porque o sistema que ajudara a implantar lhe ia mostrando oprimidas as liberdades, Herculano sofreu uma desilusão amarga. Mais e mais se entregou à contemplação da História, encontrando na Idade Média «o elemento e o modelo» do que para a sua época reclamava o seu ideal de liberdade. E pois em nome do seu liberalismo essencial, que Herculano se confirma na condenação do Absolutismo e condena também o «Liberalismo» que os políticos, à sua volta, iam realizando.

Tudo isto, que julgamos ser a síntese fiel do pensamento do Autor, se encontra cuidadosamente fundamentado nas breves mas substanciosas páginas de «O Liberalismo de Herculano».

Um pormenor nos chamou a atenção : o parágrafo que vai da pág. 15 à pág. 16 :

«Leia-se, por exemplo, a carta a Magessi Tavares (1850), em que êle fala eloqüentemente duma liberdade «que resultava de instituições copiadas quasi ao acaso da primeira teoria que tivesse transposto os Pirineus», dessa liberdade «que nos teria salvado

por certo dum longo estrebuchar em esforços impotentes de emancipação, que tomámos como lições de estranhos, e que era mais velha para nós do que para eles».

No in vol. dos *Opúsculos* encontram-se duas cartas-abertas de Herculano a Magessi Tavares, datadas de 1850, da primeira das quais consta o seguinte longuíssimo período:

«Nos tempos que foram o que me sorri, não só como saudade, mas (porque não direi agora o que hei-de dizer mais longamente um dia?) também como esperança, são as tradições dessa liberdade primitiva, postoque incompleta, filha primogenita do evangelho, que ele gerara para mãe, para abrigo das sociedades da Península; dessa liberdade, rude e turbulenta como uma creança educada à lei da natureza, mas como ela robusta e viçosa; dessa liberdade que se estribava nos habitos, que resultava de instituições positivas e exequíveis, e não de instituições copiadas quasi ao acaso da primeira theoria que tivesse transposto os Pyreneus; dessa liberdade que tornava a monarchia uma coisa santa, necessária, indestrutível, e que a monarchia, por desgraça sua e nossa, foi lentamente esmagando debaixo do seu throno, formado dos infolio, politicamente fatais, do Digesto, do Codigo e das Glossas e Commentarios das escholas d'Italia ; dessa liberdade, que, desenvolvida e organizada logicamente com a sua origem, nos teria poupado talvez à gloria immensa, mas para nós mais que esteril, de nos convertermos em victimas da civilização da Europa, de revelar o Oriente à sua cubica, para logo virmos assentar-nos extenuados n'um occaso de tres séculos; dessa liberdade que nos teria salvado por certo de um longo estrebuchar em esforços impotentes de emancipação, que tomamos como lições de extranhos, e que era mais velha para nós do que para elles». (Págs. 65 e 66).

Neste texto se contrapõem, pois, rigorosamente, a liberdade antiga, naturalmente portuguesa, e a liberdade moderna, vinda de França. No texto do Sr. Doutor Paulo Merêa, as duas parece confundirem-se numa só. Mas é evidente, por todo o resto do seu opúsculo, e notadamente pelo parágrafo imediatamente anterior ao citado, que o Autor não dá ao pensamento de Herculano a interpretação que, ali, parece aflorar.